



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

E AÍ VEIO A PANDEMIA: BREVE CARTOGRAFIA DE SUBJETIVIDADES EM DESFILE E TECITURA

Mesquita, Cristiane; Dra.; Universidade Anhembi Morumbi, cfmesquita@anhembi.br¹
Grupo de Pesquisa CNPq _ Design, arte e moda: conexões contemporâneas ²

RESUMO

Este ensaio mapeia acontecimentos relativos às materialidades do campo da moda, tomados como reveladores da produção de subjetividades contemporâneas. Fazia tempo, nada disparava desejo de escritas por entre corpos e roupas, até que duas passarelas me mobilizaram, plenas atravessamentos do fora da moda e para além dela, retratos do regime de visibilidades que nos assola (Borges, 2018; Sibilia, 2012) e da mercantilização da vida no contexto neoliberal (Dardot e Laval, 2016; Rodrigues, 2019). A primeira - *Crianças para adoção “desfilam” em passarela de shopping no MT* - com apoio de marcas de vestuário, estampa a voracidade do marketing sobre limites éticos. A segunda - *Modelo morre em passarela, mas desfile continua na SPFW* - evoca a dominância do espetáculo, aliada à banalização da morte. Começava a encorpar a escrita sobre esses desfiles de 2019, e aí veio a pandemia... Esta frase, das mais proferidas nos longos meses que estamos vivendo com a chegada da Covid-19, interrompeu um sem número de atividades e fluxos iniciados em 2020, em âmbito global, local, coletivo e individual, em todo o campo social. A pandemia vem explicitando nosso estado de crise, de crítica e, em alguns momentos, de criação (Deleuze, 1987). O corpo, esse espaço de tantos atravessamentos, carrega real e simbolicamente o viver e o risco de morrer, agora em estado exacerbado. O corpo vulnerável realça sua centralidade na cultura corpocêntrica (Costa, 2008) e no campo dos cuidados, não sem contradições (Mesquita, 2020). As variáveis que o determinam como

¹ Psicanalista. Mestre e Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUCSP). Pós-Doutorado no Departamento de Artes da Goldsmiths University of London (UK). Professora do PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi (SP). Coordena o GEzz: Grupo de Estudos ziguezague: transversalidade e design [@ziguezague.zz]

² <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/39617>





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

protagonista de discursos, intervenções e investimentos se intensificam e ganham novas camadas com a imponência das redes sociais, a digitalização e algoritmização do cotidiano e o imperativo da exposição de si (Sibilia, 2016, 2018) como fortes componentes da existência. Escrevo este resumo quando o País contabiliza mais de 530mil mortes por Covid-19, mergulhado em crise humanitária, econômica e social, no contexto de um projeto necropolítico explícito (Mbembe, 2018). Seguimos lidando com as variáveis disparadas pelas referidas passarelas de 2019, mais e mais implicadas em processos de subjetivação. Que perguntas fazemos às roupas? Que criações explicitam valores que nos ajudariam a atravessar o presente, tais como solidariedade, laços de sociabilidade, respeito à diversidade, reverberação de vozes ‘minoritárias’, micropolíticas de cuidado e resistência? Citar desfiles do mineiro Ronaldo Fraga é redundante, mas não há como deixar de mencionar sua atualidade em coleções recentes como *Colina da Primavera* (2018) e *Guerra e Paz* (2019). É possível elencar outros tantos manifestos em prol de causas diversas, produzidos por criadores que ocupam passarelas ‘menores’, questionando sistemas sócio-econômicos, racionalidades coloniais, negacionismo ambiental, hegemonias de gênero, cor, beleza, etc.. Para finalizar esta breve cartografia, convoco a pergunta de Barthes (1977) - “Como viver junto?” - amplificada com a pandemia, ao comentar trabalhos da artista mexicana Pia Camil. Ela usa materiais têxteis em diferentes linguagens como esculturas, instalações e performances, criando vestimentas e espaços de encontro. Em trabalhos recentes - *Here Comes the Sun* (2019), *Telón de Boca* (2018), *Fade into Black* (2018); *Bara, Bara, Bara* (2017); e *Divisor Pirata* (2016) - Camil utiliza camisetas doadas ou compradas em lojas de usados. Desmancha as costuras laterais, preserva as golas e une as peças, por meio do encaixe da modelagem em T, criando imensos tecidos, por vezes tinturados. Variações desta proposição consideram o contexto e implicam a colaboração de costureiras, artesãs locais e moradores; a montagem leva em conta os diferentes espaços e relações. A obra, por vezes, é ‘vestida’, tal como no *Divisor* (1968) da brasileira Lygia Pape (1927-2004), performando o tecido social, encorpando camadas históricas, geopolíticas, econômicas e culturais. A perspectiva faz vibrar relações de organização, produções de acordos, comprometimentos





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

coletivos. A camiseta - peça tão presente em guarda-roupas de todas as idades e camadas sociais - dá voz aos corpos, estampando mensagens, palavras de ordem, marcas, estilos. Tornada escultura, insinua corpos presentes - e ausentes - realçando sensibilidades e potências de enfrentamento do presente. O tecido coletivo convoca agenciamentos sociais: uma espécie de epide(r)mia, uma tecitura clínica (Rolnik, 2018) para tempos de horror.

Palavras-chave: processos de subjetivação; processos de criação; tecido social.

